

O IDEAL REPUBLICANO FEMININO EM PERNAMBUCO: A MEMÓRIA E RESISTÊNCIA DE BÁRBARA DE ALENCAR¹

THE FEMININE REPUBLICAN IDEAL IN PERNAMBUCO: THE MEMORY AND RESISTANCE OF BÁRBARA DE ALENCAR

EDSON ALVES

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Cachoeirinha, PE, Brasil

 <https://orcid.org/0009-0004-8478-3141>

SIDNEY ALVES DA SILVA JUNIOR

Universidade de Pernambuco, Garanhuns, PE, Brasil

 <https://orcid.org/0009-0002-8852-3617>

RESUMO: O presente artigo tem o propósito de estudar e apresentar informações ao leitor sobre uma grande líder e heroína, mas que muitas vezes, fica esquecida pelos historiadores, estamos falando de Bárbara Pereira de Alencar. Pernambucana de nascimento, viveu a maior parte de sua vida no Ceará, Bárbara de Alencar participou da Revolução Pernambucana de 1817 e da Confederação do Equador, em 1824. Essa grande mulher sofreu grandes perseguições por parte da monarquia portuguesa por ter e explanar os seus ideais revolucionários. Bárbara foi presa logo após o movimento de 1817, se tornando assim, a primeira presa política da história do Brasil. Mesmo assim, mostrou o empoderamento feminino e a sua resistência, deu o primeiro passo para a participação feminina em grandes eventos históricos.

PALAVRAS-CHAVE: Líder; Bárbara de Alencar; Resistência.

ABSTRACT: This article has the purpose of studying and presenting information to the reader about a great leader and heroine, but that is often forgotten by historians, we are talking about Bárbara Pereira de Alencar. Pernambucana by birth, lived most of her life in Ceará, Bárbara de Alencar participated in the Pernambuco Revolution of 1817 and the Confederation of Ecuador in 1824. This great woman suffered great persecution on the part of the Portuguese monarchy for having and explaining her ideals revolutionaries. Barbara was arrested shortly after the 1817 movement, thus becoming the first political prey in Brazilian history. Even so, it showed feminine empowerment and its resistance, took the first step towards female participation in major historical events.

KEYWORDS: Leader; Bárbara de Alencar; Resistance.

¹ Esse artigo é uma discussão a partir do projeto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), desenvolvido na Escola Municipal Pe. Agobar Valença, localizado no município de Garanhuns (PE), na turma do 8º ano B, pela agência fornecedora CAPES.

INTRODUÇÃO

Pernambuco foi uma província palco de grandes revoluções, destacando-se para o estudo deste presente artigo os eventos da Revolução Pernambucana de 1817 e a Confederação do Equador de 1824. Ambos os eventos, como outros ao longo da história dessa região, vão marcar não só as províncias do “norte”,² mas sim toda uma história nacional.

Diversos são os personagens que participaram dos eventos citados acima, tais como Frei Joaquim do Amor divino Caneca, o Frei Caneca, Manoel Carvalho de Paes de Andrade, que futuramente viria a ser senador do Brasil, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, irmão de José Bonifácio, patriarca da independência. O que muitos desconhecem, porém, é que uma mulher participaria de ambas as revoluções e cravou seu nome na história brasileira: **Bárbara Pereira de Alencar**, conhecida como “Bárbara de Alencar” ou “Dona Bárbara de Crato” – cidade a qual vivia no Ceará.

Bárbara de Alencar, pernambucana de nascimento, viveu boa parte de sua vida no Ceará. Foi ela, ao lado de seus filhos, os responsáveis por trazerem os ideais republicanos para a província cearense no século XIX. Ela pertenceu a uma grande família conhecida tanto no passado como no presente, os Alencar. Dona Bárbara teve cinco filhos, sendo José Martiniano, também uma das lideranças da Revolução de 1817, Tristão Gonçalves, participante em 1824. Ela é avó do escritor cearense José de Alencar. Além disso, ela também é parente do ex-governador pernambucano Miguel Arraes de Alencar.

O seu ideal de resistência, força e perseverança vai ajudar a expandir as ideias republicanas pelo Ceará. Dona Bárbara de Crato participou da revolução Pernambucana, em 1817, ao lado do seu filho, vendo seu filho sendo preso e também tendo o mesmo destino. Passou anos na prisão, sendo solta, junto aos outros revolucionários, após a volta de D. João VI a Portugal e anistia concedida a todos os participantes. Bárbara não se intimidou com a prisão, voltando depois, em 1824, a participar da Confederação do Equador. Bárbara, portanto, tornou-se a primeira presa política do Brasil. Bárbara teve seu nome escrito no livro *Heróis da Pátria*, na qual contempla grandes nomes que ajudaram na história brasileira. Tal homenagem, no entanto, não era novo, inclusive, no século XIX, antes mesmos dos eventos revolucionários, sua bravura já era reconhecida:

[...] o naturalista Manuel de Arruda Câmara, considerado o líder espiritual dos que fizeram a revolução pernambucana de 1817. [...] esse naturalista que, em 1810, antes de sua morte, em Itamaracá (BA), em carta-testamento, recomenda o título de heroína à Bárbara de Alencar, um prévio reconhecimento pelo papel importante da amiga na revolução que explodiria sete anos após. (Araújo, 2017, p. 15).

Entender Bárbara de Alencar também nos leva a pensar e refletir sobre o papel feminino que foi se destacando ao longo da história por sua participação cada vez mais relevante.

A história das mulheres certamente contribuiu para identificar e expandir nossa compreensão sobre novos fatos do passado, para incrementar nossos

² Nessa época, o território brasileiro era dividido em duas partes: províncias do Norte e províncias do sul. A divisão geográfica que conhecemos hoje, dividida em cinco regiões, foi decretada pelo IBGE.

conhecimentos históricos. Este processo é cumulativo e interativo: para estudar a vida das mulheres no passado, os(as) historiadores(as) se apoiam sobre as especialidades mais antigas, tais como a demografia histórica para estudar os dados do estado civil, as ocupações e as migrações; a história econômica para as transformações econômicas; a história social para os processos de transformação estrutural em grande escala, como a profissionalização, a burocratização e a urbanização; a história das ideias para os métodos de crítica dos textos; e a história política para os conceitos relativos ao poder. Uma nova especialidade histórica nasceu contendo por objeto as mulheres, tornando-as sujeitos da história. (Tilly, 1994, p. 34).

É com essas palavras de Louise Tilly (1994), em seu trabalho denominado *Gênero, História das mulheres e história social*, publicado em 1994, que vai relatar a importância de estudar a participação feminina nos eventos históricos. E esse trabalho tem como objetivo buscar apresentar ao leitor uma figura que, na maioria das vezes, passa despercebida pela sociedade em geral, mas que teve uma grande importância não só para a história de Pernambuco, onde nasceu, e Ceará, onde viveu boa parte de sua vida, mas sim para todo o Brasil. Bárbara é uma grande heroína que precisa ser estudada, e valorizada, cada vez mais.

A IDEIA DE REPÚBLICA EM BÁRBARA DE ALENCAR

A ideia de República, nas províncias de Pernambuco e Ceará, lugares que habitou a personagem central da pesquisa, Bárbara de Alencar, vão ficar bastante evidentes nos anos de 1817 e 1824. O primeiro ano corresponde a Revolução Pernambucana, que apesar do nome, teve ideias e apoio de outras províncias, como o Ceará. Com o fechamento da Constituição em 1823 por D. Pedro I (1822-1831), iria culminar no acontecimento de 1824 que ficou conhecida como Confederação do Equador, na qual, reunia algumas províncias do Norte, formando um país independente do Brasil e cada região teria seus próprios representantes, colocando em prática, assim, o ideal de federalismo e autonomia das províncias, fatores que não constava na Constituição promulgada por D. Pedro I que determinava toda a centralidade do poder no Rio de Janeiro.

Essas ideias revolucionárias e republicanas irão chegar até a família Alencar que ajudará na propagação dos ideais e também serão muito perseguidos por isso. Bárbara de Alencar vai ter um papel decisivo ajudando e orientando seus filhos e sendo a representação feminina em ambos os movimentos revolucionários. Sua condição feminina e resistência levará a essa grande mulher a ter seus bens confiscados após a Revolução Pernambucana em 1817. Sofreu com uma prisão humilhante e se tornou a primeira mulher presa política da história do Brasil. Antes de ser presa, porém, queimou vários papéis de atas de reuniões, manifestos, para que escapasse da pena de morte. Esse fato acaba, em muitas oportunidades, tirando o brilho da participação dessa heroína na história brasileira.

O movimento de 1817, na qual Bárbara fazia parte, foi um dos precursores para influenciar o Brasil na busca de sua independência de Portugal. Bárbara de Alencar, nesse contexto, conseguiu ser imortalizada e se destacar no meio de tantos homens carregando as funções de

mãe dos seus filhos revolucionários, conselheira e participante ativa no movimento. Em 1824, insatisfeitos com o poder absoluto de D. Pedro I, Bárbara e seus filhos, José Martiniano e Tristão Gonçalves, participam da Revolução. Em relação a 1824, não participou ativamente da Confederação do Equador, mas forneceu todos os subsídios necessários para que seus filhos participassem, ajudando-os financeiramente e moralmente apoiando-os.

MATRIARCA E MULHER DA ELITE

Rever e estudar sobre a soberania da mulher na história só nos mostra a importância que devemos ter sobre reconhecer que elas são fundamentais em alguns acontecimentos que marcaram o momento em que viveram. Por isso temos um exemplo de uma mulher que foi revolucionária e não suportava as ideias impostas pela monarquia, o nome dela é: Bárbara Pereira de Alencar.

Figura 1 – Retrato de D. Bárbara de Alencar a partir de relatos



Fonte: Alepe (2025, online).

Nasceu em 11 de fevereiro de 1760, na cidade de Exu, aos 22 anos, casou-se com o português José Gonçalves dos Santos, e se estabeleceu na cidade do Crato, onde nascem todos os seus filhos e passa a maior parte da sua vida. Tendo sua vivência como uma mulher nordestina sertaneja era paralela à realidade das senhoras das fazendas dos engenhos de açúcar, porém mesmo sendo de uma família de elite, usava vestes simples e não tendo os traços femininos aplicados pela a igreja para uma mulher que ela seja: pureza, delicadeza e recato. Ao contrário, mostrava firmeza em administrar os negócios, bens e escravos, e por isso, era considerada o “macho da família”. (Araújo, 2017, p. 13).

Tendo em vista que no tempo em que viveu que era estipulado para a divisão do trabalho por gênero de uma sociedade patriarcal era que as mulheres fossem submetidas a não trabalhar, sendo submissas aos seus maridos. E de outro lado tivemos mulheres que foram contra essas imposições, que eram mães ativas na sua família, responsável pela organização

doméstica e, portanto, capaz inclusive de substituir o marido na sua falta. Essas características se baseiam no papel de matriarca, a qual Bárbara teve a sua personalidade como tal. O papel de uma matriarca do sertão, além de comandar, era o de harmonia da família, o que ficou nítido em relação ao apoio dado aos filhos durante seu envolvimento nas revoluções, mostrando o melhor a ser feito e dando contribuições necessárias, como suporte material e moral.

HEROÍNA E REVOLUCIONÁRIA

Antes da revolução de Pernambuco de 1817, Bárbara de Alencar tem como maior título de honra ser republicana, por isso aumenta a imagem de heroína, tornando-se então, após ser a primeira presa política do Brasil. A imagem mostrada de Bárbara nos jornais, livros e artigos, é expressa com esses adjetivos, tais como: “guerreira”, “heroína”, “mãe da independência”, “patrona do Crato”, elevando como uma figura quase imaginária, dada a perfeição de sua conduta e seus ideais à frente de seu tempo, descontextualizando as diferenças específicas a sua condição de classe.

Isso mostra que damos muito valor aos heróis inimagináveis e esquecemos os verdadeiros heróis, são aqueles que estão no nosso cotidiano, como a família de Bárbara de Alencar, que deixou suas marcas indeléveis na história do Brasil, mas que foi também uma mulher real, com seus medos, dores, sofrimentos e amores.

O estudioso de Bárbara, Padre Montenegro (1996), descreve Dona Bárbara como “em cuja plenitude a bravura cívica e o arrojo do seu temperamento lhe afirmam a coragem, a valentia de defender seu ideal, com sacrifício da própria vida. Por isso ela se tornou heroína de uma revolução” (Montenegro, 1996, p. 72).

Adotando os ideais dos seus filhos, Bárbara lutou em revoluções para livrar-se da monarquia, querendo assim um país federalista onde cada estado teria sua autonomia financeira, diferentemente da sua realidade vivida e imposta pela monarquia com altos impostos. Por fazer parte do grupo de pessoas que estavam à frente das revoluções, quando foram apreendidos por mandado do governador Sampaio, foram levados para um forte de Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção.

TEMPO DE PRISIONEIRA

A vida na prisão não era fácil de acordo com a escritora Ariadne Araújo (2017) que relata a experiência de Dona Bárbara na prisão:

O cardápio não varia: tripa cozida ou intestinos de boi, mal limpos e cozidos na água e sal, e farinha seca de mandioca. Como não existem pratos e colheres, as refeições são servidas em cochos de madeira, semelhante aos que se servem para rações aos animais no interior [...]. Com a passagem dos dias, surgem ferimentos graves, produzidos pelos ferros e magoados com qualquer movimento. As roupas, as mesmas com as quais haviam saído do Crato, estão esfarrapadas. Batista Aragão diz que os pedaços de trapos tinham sido rasgados pelos próprios

prisioneiros e, convertidos em tiras, forravam os grilhões para aliviar os ferimentos. Sem banheiros ou substituto, as necessidades fisiológicas são feitas ali mesmo, no chão das celas, onde o odor fétido e a escuridão tornam o ambiente insuportável. Em pouco tempo, os prisioneiros estão irreconhecíveis, cheios de piolhos, pulgas e percevejos. (Araújo, 2017, p. 28).

Bárbara não aguentando mais ficar e vê seus filhos nessa situação pede para que tenham tratamentos humanitários e assim seu desejo foi realizado. Após alguns meses foi transferida para Recife e foi acusada pelos seguintes crimes.

[...] ter se oposto fracamente ao intento do filho; ter, por ordem deste, queimado papéis comprometedores; de dizer, em conversas, que ele não haveria de ser rei e dizendo-se rainha; de afirmar que o ouvidor André Alves era um tolo por não aceitar os benefícios de seus filhos; que não havia quem os prendesse; de levar a mal que a testemunha (que contra eles depôs) se dispusesse pela restauração, pois se fiava no capitão-mor a revolução e, finalmente, de ter mandado pagar o que devia no cofre dos ausentes para dar exemplo aos rebeldes. (Araújo, 2017, p. 35).

Com um processo lento sobre a corte de Recife, deu vantagem aos revolucionários, pois o tempo faz esquecer ofensas graves, dispõe os ânimos à condescendência. Para mostrar eficiência, a autora Araújo (2017) mostra que “o Soberano decretou determinando o fim da devassa em todas as capitanias do Norte. Os réus detidos até aquela data responderam pelo que havia sido apurado. Aos outros, não capturados, concedia o perdão”. Assim os que foram capturados foram transferidos, então, para o calabouço de Salvador, muito embora a viagem de Pernambuco à Bahia tenha sido, apesar de curta, uma das piores. Como nos mostra a autora: “Continuavam presos aos grilhões e se alimentavam mal, já que a comida era salgada de propósito, a fim de lhes provocar mais sede. Quando pedem água, os marujos lhes atiram baldes de um líquido sujo e gorduroso de peixe e carne”. Mas no dia 17 de novembro de 1820, através do perdão real, Bárbara de Alencar foi libertada e voltou para casa.

Quando Bárbara foi presa, todos os seus bens foram confiscados e levados para a coroa, e a primeira providência que ela fez foi ir atrás das suas propriedades que lhe pertenciam. Com uma dificuldade imensa de conquistar de volta do que era seu, pois a maioria foi colocada em leilão, então, na versão jurídica, estava dentro dos requisitos legais. Assim temos a imagem de Bárbara “De rica, com prestígio moral e político, Bárbara de Alencar retorna envelhecida, sem os bens que herdara e comprara e com a alcunha de traidora da pátria” (Araújo, 2017, p. 248).

Mesmo o Brasil passando pela Independência, isso não significou calma para as “províncias do norte”, pois a chama de ser livre e, conseqüentemente, derrubar o governo monárquico português, agora sob a autoridade de D. Pedro I (1822-1831), era maior do que qualquer coisa, e, novamente, a família Alencar estava na frente de outro movimento revolucionário, então os filhos de Dona Bárbara, mesmo saindo da prisão há pouco tempo, foram lutar pelos seus ideais na Confederação do Equador em 1824.

Nesse movimento, Bárbara não participou ativamente da revolução, mas serviu como apoiadora dos seus filhos de maneira a dar conselhos e financeiramente. Mesmo que a revolução não alcançasse seus objetivos na etapa posterior, desta vez, para Bárbara, foi diferente, ela perdeu dois dos seus filhos em batalha, sendo eles Tristão Gonçalves de Alencar e

Carlos José dos Santos Pereira de Alencar. Para a família Alencar, um nome marcado pelos defensores da monarquia. Segundo Araújo (2017), “Só na vila de Jardim e arredores, ficaram viúvas 15 mulheres que traziam o sobrenome Alencar”. Mais que a idade, as notícias de luto devem ter abalado a resistência e a saúde de Bárbara. Em 1832, no dia 28 de agosto, aos 67 anos de idade, ela morre deixando assim um grande legado pelo nome da sua família que ainda vai fazer muito pelo seu país.

UMA MEMÓRIA ESQUECIDA: BÁRBARA DE ALENCAR NAS SALAS DE AULA

Os autores do texto participaram da aplicação dessa primeira parte do PIBID, entre os meses de agosto e dezembro, na Escola Municipal Pe. Agobar Valença, na cidade de Garanhuns – Pernambuco. A turma que foi desenvolvida foi o 8º ano B. Durante o semestre letivo foi possível abordar assuntos que ajudaram os alunos a compreender melhor cada fato histórico apresentado, com a finalidade de fazer que os alunos adentrem na narrativa que foi abordada do contexto social, histórico e político da personagem difundida neste artigo.

[...] o objetivo fundamental da História no ensino fundamental, é situar o aluno no momento histórico em que vive [...]. O processo de construção da história de vida do aluno, de suas relações sociais, situado em contextos mais amplos, contribui para situá-lo historicamente em sua formação social, a fim de que seu crescimento social e afetivo desenvolva-lhe o sentido de pertencer. (Zamponi, 1993, p. 7).

A importância de se utilizar nessa aula uma metodologia ativa amplia o sucesso de transmitir o conteúdo oculto para os estudantes, principalmente se utilizando da interdisciplinaridade por intermédio do estudo de caso, que para Gil (2009) expõe que o estudo de caso consiste na aplicação de histórias ou relatos nos quais as pessoas enfrentam desafios. Essa abordagem permite o uso de situações do dia a dia, tornando a aula mais contextualizada e capaz de atrair a atenção dos alunos, despertando o interesse pela matéria. Desta maneira, a relevância da contextualização faz que a aula se associe com a realidade do aluno, podendo facilitar a compreensão da temática apresentada.

Desse modo, para que fosse possível apresentar a história e memória da vida de Bárbara Pereira de Alencar, foi mostrado aos alunos o contexto da Revolução Pernambucana de 1817, na qual, poucos sabiam algo de fato, mas que após as explanações durante as aulas, ficaram entusiasmados por conhecerem uma história dinâmica de seu estado. Vale ressaltar que durante a exposição, a nossa mediação do assunto com os alunos promoveu uma construção de discussões construtivas e fazendo com que os estudantes reflitam sobre o objeto de estudo. Tão quanto o estudante ficou responsável para identificar o problema, reunir informações, sugerir possíveis hipóteses e tomar a decisão final, justificando-a para os colegas.

Para Freire (1996), o uso de atividades que geram curiosidades no ensino deve começar a partir de um problema, com o objetivo de estimular o raciocínio e as habilidades cognitivas dos alunos, além de favorecer o trabalho em grupo e a participação nas aulas. Diferente do ensino tradicional, o ensino baseado na curiosidade foca na construção do conhecimento, conectando o saber teórico ao cotidiano dos estudantes. As atividades que geram curiosidade incentivam

os alunos a formular hipóteses e também considerar possíveis soluções para o presente estudo apresentado neste trabalho.

Freire (1996) aponta que a contribuição desse avanço no papel do professor e aluno numa relação dinâmica onde a prática é orientada pela teoria, muda toda a perspectiva dessa teoria e desta forma se relacionam se aperfeiçoando. Destaca-se o protagonismo dos alunos com essa metodologia, fazendo que eles criem suas próprias identidades, construindo o conhecimento de forma independente tendo como pilar que os alunos pensem de forma concreta, com a própria realidade, ao contrário de ideias abstratas. Por isto, foi necessário abordar para os alunos o contexto social, histórico e pessoal da protagonista deste trabalho, fazendo que todo o conhecimento obtido viesse de forma palpável através das fontes levadas para os alunos.

A apresentação do conteúdo mencionado favoreceu aos alunos conhecerem a importância dessa mulher, muitas vezes esquecida pela história e a população, mas que tem uma grande real importância. Infelizmente a temática abordada não se encontrava no livro didático, percebemos a soberania masculina que é presente na maioria da história, como também nos livros didáticos, segundo Castro (2016) que na sua pesquisa mostra que mais da metade das imagens apresentadas nas coleções didáticas têm personagens principais masculinos (quase 70%), associando personagens femininos a um papel secundário. Com isso pouco se apresenta sobre mulheres que passaram e marcaram a história. E nesse rumo, uma grande parte da sociedade no geral acaba deixando passar sobre a história de vida de pessoas que ajudaram a sua localidade ou seu país para um futuro próspero, de maior liberdade.

A surpresa ficou maior quando descobriram que ela foi a primeira presa política da história brasileira. Por muitas vezes alguns personagens ficam ocultos e não são mencionados em material didático, gerando a falta de conhecimento e curiosidade dos alunos, com essa situação percebe-se que existe um movimento positivista dentro das ferramentas didáticas, que ao longo do tempo trazem uma perspectiva unilateral da pesquisa e do ensino de história, desprezando competências essenciais e evidenciando documentos institucionais. Por isso se exige dos historiadores a análise desses documentos e suscitando situações, personagens e narrativas ignoradas desses arquivos.

O Positivismo, ao rejeitar uma perspectiva problematizadora da relação investigativa em nome de uma perspectiva epistemológica de ênfase da neutralidade científica, acabou por reforçar uma compreensão fixa do passado. Nesta perspectiva, ao historiador, cabe o domínio dos procedimentos adequados para investigação dos documentos e, assim, fazer com que o passado seja ressuscitado. Há aqui uma concepção da objetividade histórica: um passado fixo e um historiador neutro, que saiba lidar de forma correta com os documentos. Não há aqui a problematização da subjetividade do historiador nem tampouco da fonte pesquisada. Ao historiador cabe revelar a origem dos acontecimentos, que se encontra neste passado estável. (Alvi; Miranda, 2008, p. 121-122).

Quando se dá voz aos personagens esquecidos como Bárbara, que faz parte de uma parcela da população que foi ignorada ou apagada dos registros, compreendemos que é necessário pesquisar e registrar a história desses personagens ocultos, porém como neste presente trabalho, como em outros realizados, a busca para encontrar vestígios desses

personagens se torna um desafio. Deste modo pode-se buscar outros meios para comprovar os fatos e fazer a reconstrução deles através de outra perspectiva além do oficial, quando se trata de um acontecimento já registrado.

Ginzburg associa o trabalho do historiador ao de um juiz ao afirmar que "evidência, entendida como pista ou prova, é um termo essencial tanto para o historiador quanto para o juiz". Essa semelhança abrange tanto pontos de convergência quanto de divergência, algo já reconhecido há bastante tempo" (Ginzburg, 2011, p. 342). Assim, o historiador, tal como o juiz, analisa provas e depoimentos.

Por um lado, fez com que historiadores visassem a eventos (políticos, militares, diplomáticos) que pudessem ser facilmente atribuídos a ações específicas de um ou mais indivíduos; por outro, abandonam-se fenômenos (como a vida social, mentalités, dentre outros) que resistem a uma abordagem baseada nesse paradigma explanatório. (Ginzburg, 2011, p. 345).

Após a apresentar a vida de Bárbara durante a revolução, depois durante o tempo que foi presa e, posteriormente, quando foi solta, os discentes perceberam e relataram nos debates, a perseverança e resistência de Bárbara, que apesar de inúmeros fatores contra ela, e mesmo sendo uma mulher da elite, foi batalhadora e perseverante na luta para ajudar o Ceará a se livrar do domínio português, na época, sob o rei D. João VI. Alunos apontaram também, com muita notoriedade, que ideais que Bárbara defendia foram vistos depois durante o processo de independência do Brasil. Posteriormente, o assunto da vez foi a Proclamação da República no Brasil e os alunos, sabiamente, voltaram às aulas anteriores lembrando que Bárbara de Alencar defendia ideais republicanos para o Brasil.

Durante o projeto trabalhado, os discentes tiveram a oportunidade de ter dúvidas esclarecidas sobre o tema, criar novos questionamentos e mostrar a importância do papel feminino, ou melhor, a condição feminina em um movimento como esse, na qual, apenas os homens são lembrados quando citar o acontecimento nas províncias do norte em 1817. Foi realizada comparações como a situação feminina na época de Bárbara e atualmente e os alunos indagaram que, infelizmente, há muita coisa ainda para ser feita para termos uma equidade de gênero no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante disso, casos como de Bárbara Pereira de Alencar acabam ficando ocultos e pouco explorados. E a realidade em que essa grande heroína viveu não deixaria que sua imagem crescesse, pois sendo mulher e vindo do sertão de Pernambuco, poucas pessoas estavam acostumadas com a relação do poder para uma mulher. Porém, ela não se deixou abater e foi perseverante, participando de grandes revoluções junto com seus filhos, ficando marcada na história pela sua luta insaciável de um bem social.

Em resumo, apresentar esse tema em sala de aula contribuiu para aumentar o número de estudantes que conheceram essa rica história, de superação e resistência. Mesmo com a deficiência de não conter dados em excesso, pode-se realizar e trabalhar a identidade de uma

mulher que lutou pelos seus ideais, sobretudo com a utilização de metodologias ativas fazendo que os alunos se tornassem os protagonistas na busca por conhecimento e com os seus questionamentos levantados se cria possibilidades de formação de um ser político dentro da sua realidade construindo o seu saber através de eventos reais com diversas mulheres que são as “bárbaras” dos dias atuais.

E que esse conhecimento não fique apenas submetido à sala de aula, apresentando a população em geral, como meio de propagação, fazendo que o aluno seja a ponte para criar a relação do aprendizado de história com as suas realidades existentes. Bárbara uma mulher onde seus ideais inspiram e podem inspirar muitas pessoas nos dias de hoje para almejar seus objetivos.

Com isso, os objetivos propostos de apresentar uma história desconhecida foram alcançados, fazendo com que os alunos pudessem conhecer mais sobre sua história local. Neste sentido, oficinas como essa apresentam sua importância para um (re)conhecimento de figuras que, se fosse depender exclusivamente dos livros didáticos, não seriam apresentadas e identificadas pelos estudantes ao longo de seus estudos históricos.

REFERÊNCIAS

- ALEPE. Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco. **Mês da Mulher:** Assembleia Geral conta trajetória de Bárbara de Alencar. 14. mar. 2025. Disponível online em: <<https://www.alepe.pe.gov.br/2025/03/14/mes-da-mulher-assembleia-geral-conta-trajetoria-de-barbara-de-alencar/>>. Acesso em: 22-03-2025.
- ALVIM, Y. C.; MIRANDA, S. **Sobre a cultura do tempo e o livro didático de história.** História e Ensino, v. 14. ANPUH, 2008.
- ANDRÉ, M. Pesquisa, formação e prática docente. In: ANDRÉ, Marli (org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores.** 12ª ed. Campinas: Papirus, 2012, pp. 55-69.
- ARAÚJO, A. **Bárbara de Alencar.** 4. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2017.
- BARCA, I. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In: BARCA, I. (Org.) **Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica.** Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144.
- CASTRO, M. G. M. **Uma análise feminista da construção de gênero em livros didáticos de inglês aprovados pelo PNLD 2014.** Orientador: Ricardo Luiz Teixeira de Almeida. 2016. 135 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2016.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIL, A. Ca. **Estudo de Caso:** fundamentação científica, subsídios para coleta e análise de dados, como redigir relatório. São Paulo: Atlas, 2009.

GINZBURG, C. **Controlando a evidência: o juiz e o historiador**. In: Novais, Fernando A. Silva, Rogério F. da (Orgs.). Nova História em perspectiva, 2011.

LEITE, G. L. **Pernambuco 1817**: estrutura e comportamentos sociais. Recife: Massangana, 1988.

MEDEIROS, J. B.; TOMASI C. O artigo científico. In. MEDEIROS, J. B; TOMASI, C. (Orgs.) **Redação de artigos científicos**: métodos de realização, seleção de periódicos, publicação. São Paulo: Atlas, 2016, p. 37-57.

MELLO, E. C. **A outra Independência**: O federalismo pernambucano de 1817 a 1824. 2. ed. Recife: Editora 34, 2014.

SOUZA, D. P.; CARARO, A. **Extraordinárias**: mulheres que revolucionaram o Brasil. São Paulo: Seguinte, 2017.

SOUZA, K. S. **Bárbara de Alencar**: relações de gênero e poder no cariri cearense. 2015. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.

STARLING, H. M. **Ser Republicano no Brasil Colônia**: a história de uma tradição esquecida. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TILLY, L. A. **Gênero, história das mulheres e história social**. In: Cadernos Pagu, vol. 3, 1994, pp. 29-62.

ZAMBONI, E. **O Ensino de História e a Construção da Identidade**. Série Argumento. São Paulo: SEE/Cenp, 1993.

SOBRE OS AUTORES

EDSON ALVES

Mestre em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Atualmente é servidor público do Estado de Pernambuco desde junho de 2023, exercendo a profissão de docência na Escola de Referência em Ensino Médio Corsina Braga. Desenvolve pesquisas na área de História Política do Brasil Império, sendo o foco principal os debates em torno da ideia de república presente nos jornais e periódicos do Pernambuco Oitocentista. Participante do Grupo de Estudos e Pesquisas em História do Oitocentos (GEPHISO), cadastro no diretório de pesquisa do CNPq.

E-mail: edsonjose355@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0004-8478-3141>

SIDNEY ALVES DA SILVA JUNIOR

Graduado em História pela Universidade de Pernambuco (UPE) e Pós-graduado em História Geral pela Faculdade FOCUS.

E-mail: sidney.alves@upe.br

 <https://orcid.org/0009-0002-8852-3617>

SOBRE ESTE ARTIGO

HISTÓRICO

Recebido em: 06/12/2024 | Aprovado em: 23/03/2025 | Publicado em: 11/04/2025

LICENCIAMENTO

Este artigo é publicado na modalidade Acesso Aberto sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 (CC-BY 4).

COMO CITAR

ALVES, E.; SILVA JUNIOR, S. A. da. O ideal republicano feminino em Pernambuco: a memória e resistência de Bárbara de Alencar. **Revista Formação**, v. 2, e013. <https://doi.org/10.71098/revfor.upe.e013>

EDITOR RESPONSÁVEL

Jonathas de Paula Chaguri (UPE)

E-mail: jonathas.chaguri@upe.br

 <https://orcid.org/0000-0002-7525-9653>